

O DISCURSO NA “LUTA PELA TERRA”

Édina De Fatima de Almeida (PG/UEL)
edifatro@hotmail.com

Dircel Aparecida Kailer
ueldircel@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho, a luz da Análise do Discurso de vertente francesa, tem como objetivo analisar o interdiscurso enquanto elemento constitutivo da produção de sentidos nos gêneros discursivos: charge, três canções, um prefácio e uma entrevista, selecionados por conta da temática “Luta pela terra”. Sendo assim, foram examinados os discursos que permeiam estes diferentes gêneros, em torno desta temática, no intuito de observar o diálogo entre eles.

Palavras-chave: Charge. Análise do Discurso. Interdiscurso

INTRODUÇÃO

O presente estudo, ancorado na teoria Análise do Discurso, propõe-se a analisar a intertextualidade entre alguns gêneros que abordam a temática luta pela terra. Sendo assim, foram selecionados como corpus: a charge “violência no campo”, de Eugênio Neves, publicada em 31 de maio de 2011, três canções de Chico Buarque de Holanda, o livro “Terra” de Sebastião Salgado, o prefácio de José Saramago e a entrevista feita no programa Jô Soares. A escolha dessa temática (“luta pela terra”) deve-se ao fato de estarmos próximos ao 20º ano do massacre de Eldorado dos Carajás, confronto ocorrido em 17 de abril de 1996 no município de Eldorado dos Carajás, no Sul do Pará, quando 1,5 mil sem-terra, que estavam acampados na região, decidiram fazer uma marcha em protesto contra a demora da desapropriação de terras na rodovia PA-150. A ação da polícia militar foi extremamente agressiva, utilizando bombas de gás lacrimogêneo e armas contra os manifestantes, apresentando em uma soma desastrosa de 19¹ camponeses mortos, nossa escolha pela charge também se deu por encontramos muitas notícias referentes à impunidade em que esse massacre foi tomado, após quase 20 anos do ocorrido, nenhuma sentença foi dada aos participantes de brutal acontecimento. O dia 17 de abril se tornou um marco na história dos trabalhadores que lutam pela Reforma Agrária e elegeram tal data como sendo o “Dia Internacional da luta pela Reforma Agrária”.

1. BREVE PERCURSO HISTÓRICO DA ANÁLISE DO DISCURSO (DORAVANTE AD)

Segundo Gregolin (1995, p.12) existem vários conceitos de “análise do discurso”, visto que, por ser um campo de estudos que ainda está em formação, suas fronteiras ainda não

¹ Em alguns meios de comunicação informam ser 21 mortos no massacre.



foram claramente delimitadas. Para melhor compreendermos a Análise do Discurso (AD), é importante retomarmos o percurso histórico da Linguística.

O surgimento da Linguística no século XIX e com o lançamento do “Curso de Linguística Geral” de Ferdinand de Saussure, no início do século XX, foram surgindo inúmeros embates sobre a epistemologia da Linguística, já que, para ele, a língua se constituía como algo abstrato e homogêneo e seu objeto de estudo se restringia à própria língua. Porém, esta visão sistemática da língua, ao final dos anos 60, na França, foi contestado por estudiosos da época, que acreditavam que a linguagem não poderia estar limitada a este sistema reducionista (GREGOLIN, 2003).

Com isso, surgem várias teorias que rompem com o conceito de linguagem de Saussure, trazem elementos que até então eram excluídos por ele como: a fala, o sujeito, a ideologia e a história, dando origem assim, a embates linguísticos que sugerem uma análise subjetiva e que transcende os limites da frase, sendo essa instância da linguagem conhecida como “discurso”, tornando-se possível vislumbrar a ligação entre o nível linguístico e o extralinguístico. É nesse contexto que surge, em meados da década de 1960, na França, uma nova abordagem linguística denominada de AD.

Michel Pêcheux foi um dos principais precursores da AD francesa, para ele o discurso ultrapassa a exterioridade da linguagem e abrange elementos ideológicos e sociais. Para Pêcheux, a AD vai além do ato comunicativo, visto que a língua além de transmitir informações, considera o contexto social, histórico e ideológico em que um determinado enunciado foi produzido.

Gregolin (1995, p. 13) pondera que foi na década de 1970 que a AD tomou força, sendo, neste momento, a passagem da Linguística da “frase” para a Linguística do “texto”, retirando assim a falsa ideia de que a “fala” é individual, assistemática. Tomando assim a AD diferentes percursos, com diferentes concepções epistemológicas e metodológicas, porém, o que as unifica, consoante Gregolin (1995, p. 12-13), “é o fato de tomarem o seu objeto do ponto de vista linguístico e de procurarem, no texto, o estudo da DISCURSIVIZAÇÃO.” Para darmos sequência ao nosso trabalho, faz-se necessário retomarmos algumas considerações a respeito dos conceitos-chave que, segundo Gregolin (1995), constituem a base teórica da AD.

Sujeito – O sujeito é essencialmente ideológico e histórico (determinado pelo lugar e pelo tempo), sendo assim, o sujeito pode posicionar seu discurso em relação ao discurso do outro, por estar inserido num tempo e espaço socialmente situados.

Ideologia - Segundo Althusser (s/d.), a ideologia é a representação imaginária que interpela os sujeitos a tomarem um determinado lugar na sociedade, mas que cria a “ilusão” de liberdade do sujeito. A reprodução da ideologia é assegurada por “aparelhos ideológicos” (religioso, político, escolar, etc.) em cujo interior as classes sociais se organizam em formações ideológicas (“conjunto complexo de atitudes e representações”). (GREGOLIN, 1995, p.18)

Enunciado - É a materialidade linguística, podendo ser repetido em outras situações comunicativas, mas ao se repetir ganhará outro sentido, por estar inserido em outra situação e em outro momento histórico, isso ocorre por estar o sentido do enunciado ligado à situação de produção, não sendo possível sua separação.

Discurso - É um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram em uma época dada, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições da função enunciativa. (FOUCAULT, 1973, p. 97).



A partir desses conceitos podemos “observar as projeções da enunciação no enunciado; os recursos de persuasão utilizados para criar a “verdade” do texto (relação enunciador/enunciário) e os temas e figuras utilizados.” Gregolin (1995, p. 18)

Ainda sobre o entendimento da produção do sentido Gregolin (1995, p. 20) afirma que

“para entender os sentidos subentendidos em um texto é preciso que o enunciador e o enunciário tenham um conhecimento partilhado que lhes permita inferirem os significados. Esse conhecimento de mundo envolve o contexto sócio histórico a que o texto se refere.”

Esta rede de enunciados descrito por Gregolin (1995) dá-se o nome de interdiscurso, ou seja, para construirmos os efeitos de sentido, necessitamos, principalmente, de um diálogo entre discursos que se dispõem e se entrecruzam para construir os referidos efeitos de sentido no e para o gênero discursivo que, no caso deste estudo, elegemos a charge.

Escolhemos a charge como objeto de nosso trabalho por ela apresentar diversos recursos linguísticos-discursivos (lexical, fraseológico, gramatical, caricatura, imagem metafórica, frase de efeito e ironia), e, principalmente, por ser um gênero de circulação social, e assim, apresentar recortes de notícias já divulgadas relacionadas ao meio político, econômico e social, além de possibilitar a interação do leitor com a realidade.

2. O MASSACRE DE ELDORADO DOS CARAJÁS

Para fazermos a presente análise, acreditamos ser de extrema importância buscarmos mais informações a respeito do “Massacre de Eldorado dos Carajás”. Apresentamos algumas das manchetes relacionadas ao massacre.

1º Movimento promove ações em vários estados por reforma agrária; dia de jornada marca 19 anos de massacre <http://www.carosamigos.com.br/index.php/politica/1257-mst-jornada-de-lutas-marca-massacre-de-eldorado-dos-carajas>

2º Trabalhadores protestam nos 18 anos do massacre de Eldorado dos Carajás - Confronto entre policiais e semterras ocorreu em 1996. No Pará, trabalhadores bloqueiam BR-155. <http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2014/04/trabalhadores-protestam-nos-18-anos-do-massacre-de-eldorado-dos-carajas.html>

3º SEX, 18 DE ABR / 2008 –Sem Terra lembram 12 anos do massacre em Eldorado do Carajás-Trabalhadores sem-terra de várias entidades realizaram manifestações em todo o País, ontem, para pedir agilidade na reforma agrária e lembrar os mortos em Eldorado de Carajás - <http://www.cnmcut.org.br/conteudo/sem-terra-lembram-12-anos-do-massacre-em-eldorado-dos-carajas>

4º 17 de abril de 2011 - 10h03- Eldorado do Carajás: Impunidade persiste 15 anos após massacre - <http://www.vermelho.org.br/noticia/152136-8>

5º Sem Terra realizam acampamento em memória do Massacre de Eldorado dos Carajás- Publicado: Segunda, 14 Abril 2014 13:20 | Acessos: 1128 - <http://www.cptnacional.org.br/index.php/publicacoes/noticias/conflitos-no-campo/2016-sem-terra-realizam-acampamento-em-memoria-do-massacre-de-eldorado-dos-carajas>

6º Sem desapropriação para reforma agrária em 2015, MST promete ampliar protestos - Como nenhum decreto de desapropriação de terra para reforma agrária foi assinado em 2015 pela... O MST informou que as mobilizações lembrarão os 20 anos do massacre de Eldorado



dos Carajás. "Até agora, ninguém foi punido", concluiu Rodrigues. Fonte: Jornal do Comércio em 02/02/2016 Política -

http://www.cidadesdomeubrasil.com.br/PA/eldorado_dos_carajas/noticias

Expusemos somente algumas das manchetes presentes no meio digital, acreditamos que, com a proximidade da data, surgirão muitas outras retratando a impunidade e o descaso em que vem sendo tratado este assunto.

Buscamos também informações nas mídias impressas, porém encontramos poucas informações, as quais apresentaremos a seguir:

A revista **Veja** de 24 de abril de 1996 apresentou um título isento, somente com **“Eldorado dos Carajás, BRASIL, 17 de abril de 1996”** do massacre dos trabalhadores em Eldorado dos Carajás, em 17 de abril de 1996. A própria capa da revista já foi uma denúncia contra a atrocidade ocorrida na época, com a exibição de um trabalhador rural assassinado com um tiro na nuca. Cabe lembrar que a revista **Veja**, já havia apresentado inúmeras matérias criticando o movimento sem terra, mas nesta ocasião, ela foi pressionada pela comoção mundial ocorrida em 1996 a apresentar a referida reportagem.

Já a revista **ISTO É** apresentou em 18 de abril em sua capa, imagens de vários trabalhadores rurais mortos estirados ao chão ensanguentados e em seu título **“MASSACRE”** em vermelho quase se misturando ao sangue espalhado pelo chão.



Fonte: <http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Midia/Os-30-anos-de-odio-ao-MST-nas-paginas-de-Veja/1230253>. Acesso 11/02/2016 às 15:53



Fonte: <http://www.pontodevista.jor.br/blog/2012/04/eldorado-dos-carajas/> Acesso 11/02/2016 às 16:00

Já em relação aos jornais, temos, por exemplos: O Estado de São Paulo publicado em 19 de abril de 1996, que trouxe a manchete **“Comissão investiga execução no Pará”** e o Jornal da Cantareira, que recorda as memórias das lutas populares, na edição nº 77, de abril de 2006, cuja Capa da jornal resgatou os dez anos do massacre de Eldorado dos Carajás, no Pará, utiliza como manchete em letras vermelhas **“A memória dos mártires motiva ações de resistência”**.



Como nosso intuito e o de relembrar o ocorrido e como o referido tema foi abordado há quase 20 anos, acreditamos que, apesar de trabalhar com apenas duas revistas e dois jornais, teremos material suficiente para atender aos objetivos do presente estudo, uma vez que a AD concebe o discurso como mediador, além de verificar as condições que permitiram o seu aparecimento. Sendo assim, a produção do discurso acontece por meio da linguagem, onde se dá a materialização da ideologia e o modo pelo qual os sujeitos se constituem e interagem. Daí a definição de discurso: “o discurso é efeito de sentidos entre locutores e a língua constitui o lugar material onde se realizam estes efeitos de sentidos”. (PÊCHEUX, 1993, p.172)

Para entendermos melhor o discurso presente na charge de Eugênio Neves, precisamos primeiramente compreender onde e como se desenvolveu os sentidos presentes nela, pois, para que haja a relação de sentidos, é necessário que percebemos os valores da Dialogia ou heterogeneidade e o do Interdiscurso.

Como abordaremos o discurso da charge de Eugênio Neves devemos considerar os processos de produção do sentido e de suas determinações histórico-sociais. Visto que para a AD todo discurso é determinado pelo interdiscurso.

Sendo assim, Gregolin (1995, p.13) considera que

[...] empreender a análise do discurso significa tentar entender e explicar como se constrói o sentido de um texto e como esse texto se articula com a história e a sociedade que o produziu. O discurso é um objeto, ao mesmo tempo, linguístico e histórico; entendê-lo requer a análise desses dois elementos simultaneamente.

Neste sentido, reafirmamos a importância de retomarmos todas as informações anteriormente apresentadas sobre o tema “massacre do Eldorado dos Carajás”, pois teremos de considerar que a imagem da charge precisará ser analisada em sua relação com a história, no curso dos sentidos, considerando não somente os elementos que a constituem, mas também compreender como se estabelecem os efeitos de sentidos provocados por esses elementos.



3. ANÁLISE DO CORPUS

Para melhor compreendermos a charge, faremos um breve comentário sobre o contexto do qual ela se originou, ou seja, sobre o interdiscurso que o permeia. Feita a coleta aleatória da charge, conseguimos encontrar a charge de Eugênio Neves, publicada em 31 de maio de 2011, que se enquadrava à temática “Luta pela terra”, como já mencionamos, temática esta escolhida pela proximidade dos 20 anos do trágico confronto entre integrantes do MST com a polícia militar em 1996, que teve como desfecho a morte de 19 trabalhadores rurais e muitos feridos.



A charge é de Eugênio Neves, disponibilizada no Google.

Primeiramente faremos uma breve descrição da charge de Eugênio Neves, intitulada “violência no campo”.

Como podemos observar na charge há a presença de uma repórter entrevistando um latifundiário armado e acompanhado de um capanga também fortemente armado. O assunto abordado por eles é o movimento dos Sem Terra, a repórter apresenta uma fisionomia assustada destacada pelo seu semblante de medo e pelas gotas de suor que saem de seu rosto ao fazer a pergunta.

O espaço apresentado na charge também nos remete ao latifúndio, visto que na imagem aparece um grande espaço de terra com grama que se mistura ao horizonte dando a impressão da imensidão de terras pertencentes ao latifundiário, assim como a presença de uma cerca que apresenta assim a divisão de terras e a um obstáculo para as invasões dos Sem terra, obstáculo esse que também é evidenciado pela presença das armas e do capanga.

Outro ponto importante para ser mencionado é o discurso histórico presente na charge, visto que, o chargista recorreu a dados históricos sobre o movimento dos Sem Terra, observado além do título “violência no campo”, como na pergunta feita ao latifundiário “... mas o senhor concorda que os Sem-Terra precisam ter um pedaço de terra”. Além disso, o chargista utilizou da ironia da resposta dada pelo latifundiário “Claro! Embaixo da terra”, evidenciando a violência pela qual os trabalhadores Sem Terra enfrentam ao buscarem um pedaço de terra improdutivo.

Chamamos a atenção para o uso da conjunção adversativa “mas” presente na pergunta da entrevistadora, expressando ideia de contraste, pois mesmo vendo o latifundiário fortemente armado e com seu capanga, a entrevistadora faz a pergunta, mesmo sabendo da



resposta. O chargista utiliza da pergunta de resposta óbvia, para apresentar um alto teor de ironia na resposta do latifundiário.

Outro fator interessante foi o uso das reticências no início da pergunta da repórter, que fica notório a intenção do chargista de representar o medo da entrevistadora, pois como sabemos o uso das reticências servem para marcar uma suspensão da frase, devido, muitas vezes a elementos de natureza emocional.

Vale ressaltar também o uso do advérbio de lugar “embaixo”, cremos que a intenção do chargista foi demonstrar com a fala do latifundiário, que o único pedaço de terra que os Sem Terra conquistariam seria “embaixo” dela. O toque apresentado pelo latifundiário também foi sarcástico, ao concordar com a entrevistadora “claro” e ao mesmo tempo ameaçador, dando a entender que qualquer trabalhador Sem Terra que tentasse invadir sua fazenda, conseguiria sim um pedaço da terra, mas só depois de morto.

Eugênio Neves conseguiu, a partir da união da linguagem verbal e não verbal, fazer uma crítica ao grande conflito entre latifundiários na temática da reforma agrária.

4. ALGUMAS INTERTEXTUALIDADES POSSÍVEIS EM RELAÇÃO À TEMÁTICA “LUTA PELA TERRA”

Seria difícil abordar tal temática sem estabelecer relações entre Morte e Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto e a canção “Funeral de um lavrador” composta por Chico Buarque de Holanda em 1965, para Morte e vida Severina, de João Cabral de Melo Neto, encomenda do grupo do Teatro da Universidade Católica de São Paulo (Tuca) trechos da obra. Fica notório a similaridade presentes na tragédia de Eldorado dos Carajás e a charge por nós analisada.

Na obra percebemos a intertextualidade no trecho em que Severino encontra dois homens carregando um defunto numa rede, onde interrogados sobre o motivo da morte, tem como resposta “*Ter um hectare de terra, irmão das almas, de pedra e areia lavada que cultivava*” (p.4)², e voltamos a perceber semelhança no trecho em que Severino assiste ao enterro de um trabalhador e ouve o que dizem do morto os amigos que o levaram ao cemitério “— *Essa cova em que estás com palmos medida, é a cota menor que tiraste em vida. — É de bom tamanho, nem largo nem fundo, é a parte que te cabe neste latifúndio. — Não é cova grande. é cova medida, é a terra que querias ver dividida.*”(p.12-13), trecho este utilizado para a produção da canção “Funeral de um lavrador” composta por Chico Buarque de Holanda em 1965.

A temática “luta pela terra” é a mesma apresentada na charge de Neves, na obra de João Cabral de Melo Neto e na canção de Chico Buarque de Holanda.

Outra relação possível com a temática “luta pela terra” é com o livro “Terra” de Sebastião Salgado, publicado em 1997 pela Companhia das Letras, com parceria com José Saramago, que escreveu o prefácio do livro e com Chico Buarque de Holanda que gravou um CD com algumas músicas para ser comercializado juntamente com o livro, músicas como “Brejo da cruz”, “ Assentamento” e “Levantados do chão” que reforçam a temática do livro. A obra possui 109 fotografias em preto e branco, tiradas entre 1980 e 1996, e retrata a condição de vida de trabalhadores rurais Sem Terra, mendigos, crianças de rua e outros

² Trechos retirados da obra Morte e vida Severina de João Cabral de Melo Neto, do site: http://www.portugues.seed.pr.gov.br/arquivos/File/leit_online/joao_cabral.pdf



grupos excluídos socialmente, marginalizados e desterrados. Cabe lembrar, que, os direitos autorais da obra foram cedidos ao MST em entrevista no programa Jô Soares, em 1997, por Sebastião Salgado, José Saramago e Chico Buarque, no lançamento da obra no Brasil. Destacamos alguns trechos da entrevista e faremos algumas observações referentes ao livro Terra, as canções de Chico Buarque e ao prefácio de José Saramago, gêneros que complementam e enriquecem nosso estudo referente a temática “luta pela terra”.

Primeiramente podemos observar nas imagens apresentadas por Sebastião Salgado, todas elas apresentam a temática universal, como o próprio título retrata “terra”, mas a obra apresenta cinco grandes divisões temáticas “Gente da terra, Trabalhadores da terra, A força da vida, Migrações para as cidades e A luta pela terra”. Para este estudo discutiremos somente a última, por retratar acampamentos e assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, assim como o trabalho coletivo nos acampamentos e, os conflitos entre os Sem Terra e os donos da terra.

A esse respeito, Sebastião Salgado declara, em entrevista ao programa Jô Soares, em 1997³, como foi seu trabalho com os Sem Terra

“(…) Essa organização deles é uma característica, uma organização que chega a coordenar uma grande parte desses trabalhadores no campo de lutar com eles numa perspectiva de ficar no campo, de ter a terra (...) deixando evidenciar sua admiração ao MST”. (informação verbal)

Observamos no prefácio escrito por José Saramago o teor extremamente crítico, ao mesmo tempo belíssimo, no qual o escritor tece críticas ao governo e descreve brilhantemente o sofrimento vivido pelos Sem Terra, que, segundo ele, tem origem no castigo que Deus aplicou a Adão e à Eva por terem começado a cercar as terras (transformando-as em propriedades particulares), gerando assim a ganância por mais terras e o aumento populacional. Como resultado pessoas ficaram sem terra para se alimentar o que impulsiona os conflitos.

“quando Deus se decidiu a expulsar do paraíso terreal, por desobediência, o nosso primeiro pai e a nossa primeira mãe, eles, apesar da imprudente falta, iriam ter ao seu dispor a terra toda, para nela suarem e trabalharem à vontade.(...) Foi o caso que estando já a terra assaz povoada de filhos, filhos de filhos e filhos de netos da nossa primeira mãe e do nosso primeiro pai, uns quantos desses, esquecidos de que sendo a morte de todos, a vida também o deveria ser, puseram-se a traçar uns riscos no chão, a espetar umas estacas, a levantar uns muros de pedra, depois do que anunciaram que, a partir desse momento, estava proibida (palavra nova) a entrada nos terrenos que assim ficavam delimitados, sob pena de um castigo, que segundo os tempos e os costumes, poderia vir a ser de morte, ou de prisão, ou de multa, ou novamente de morte (...) Posto diante de todos estes homens reunidos, de todas estas mulheres, de todas estas crianças (sede fecundos, multiplicai-vos e enchei a terra, assim lhes fora mandado), cujo suor não nascia do trabalho que não tinham, mas da agonia insuportável de não o ter (...)”

³ Foram feitas somente a transcrição de partes da entrevista que acreditamos ser pertinente ao nosso estudo.



Saramago também critica a impunidade presente no Brasil ao relatar no trecho em que Deus pretende mudar seu nome e percebe que fracassou em sua criação por ver tanta violência e injustiças.

“Falando à multidão, anunciou: “A partir de hoje chamar-me-eis Justiça.” E a multidão respondeu-lhe: “Justiça, já nós a temos, e não nos atende. Disse Deus: “Sendo assim, tomarei o nome de Direito.” E a multidão tornou a responder-lhe: “Direito, já nós o temos, e não nos conhece.” E Deus: “Nesse caso, ficarei com o nome de Caridade, que é um nome bonito.” Disse a multidão: “Não necessitamos caridade, o que queremos é uma Justiça que se cumpra e um Direito que nos respeite.””

Sobre a injustiça, a impunidade, violência e desigualdade social, Saramago descreve em seu prefácio está divisão social drástica presente no Brasil, onde poucos têm muito e muitos têm pouco, fala também das terras improdutivas e do sonho dos Sem Terra em ter um pedaço de terra para cultivar.

“Povoando dramaticamente esta paisagem e esta realidade social e económica, vagando entre o sonho e o desespero, existem 4 800 000 famílias de rurais sem terras. A terra está ali, diante dos olhos e dos braços, uma imensa metade de um país imenso, mas aquela gente (quantas pessoas ao todo? 15 milhões? mais ainda?) não pode lá entrar para trabalhar, para viver com a dignidade simples que só o trabalho pode conferir, porque os voracíssimos descendentes daqueles homens que primeiro haviam dito: “Esta terra é minha”, e encontraram semelhantes seus bastante ingênuos para acreditar que era suficiente tê-lo dito, esses rodearam a terra de leis que os protegem, de polícias que os guardam, de governos que os representam e defendem, de pistoleiros pagos para matar”

Podemos nos arriscar a dizer que o autor faz uma descrição ao ocorrido no “Massacre de Eldorado dos Carajás” no seguinte trecho *“A penúltima imagem que ainda viu foi a de espingardas apontadas à multidão, o penúltimo som que ainda ouviu foi o dos disparos, mas na última imagem já havia corpos caídos sangrando, e o último som estava cheio de gritos e de lágrimas.”*. O escritor ainda faz um apelo ao governo brasileiro, pedindo pela reforma agrária.

“E a Reforma Agrária, a reforma da terra brasileira aproveitável, em laboriosa e acidentada gestação, alternando as esperanças e os desânimos, desde que a Constituição de 1946, na sequência do movimento de redemocratização que varreu o Brasil depois da Segunda Guerra Mundial, acolheu o preceito do interesse social como fundamento para a desapropriação de terras? Em que ponto se encontra hoje essa maravilha humanitária que haveria de assombrar o mundo, essa obra de taumaturgos tantas vezes prometida, essa bandeira de eleições, essa negaça de votos, esse engano de desesperados?”

Para não nos estendermos muito finalizaremos nosso trabalho abordando a intertextualidade possível com as canções de Chico Buarque apresentadas no livro “Terra” para alegorizar as fotografias de Sebastião Salgado.



As canções aparecem na obra em dois momentos: A canção “Brejo da Cruz” aparece entre a quarta parte - Migrações para as cidades - e quinta parte “A luta pela terra”, e as canções “Assentamento” e “Levantados do chão” aparecem também na quinta parte.

As canções de Chico Buarque apresentam um riquíssimo material para o trabalho com intertextualidade, mas por hora nos prenderemos somente aos relatos que podem dialogar com nossa temática, percebemos que em “Levantados do chão” o compositor salienta sobre os sem terra “desgarrados da terra”, que lutam para conseguir um pedaço de terra, mas que conseguem somente seu pedaço de terra em sua morte “E no oco da Terra tombar?”, assim como descrito pela charge de Eugênio Neves.

Já na canção “Assentamento”, Chico Buarque faz uso da intertextualidade, utilizando de passagens de Guimarães Rosa, visivelmente apresentado pelos nomes dos personagens “na poesia de Chico, aparecem Manuel, Miguilim”, nesta canção discorrer sobre a ida de nordestinos para a cidade grande, em busca de uma vida melhor, mas que ao chegarem lá se deparam com a pobreza e com a falta de recurso “A cidade não mora mais em mim” desejam somente voltar para sua terra. “Quando eu morrer, que me enterrem na / beira do chapadão / contente com minha terra / cansado de tanta guerra / crescido de coração”.

Na canção “Brejo da cruz” assim como em “Assentamento”, o compositor discorre sobre a chegada dos nordestinos na cidade grande, descreve a grande quantidade e as mais diversas profissões que exercem “Assumem formas mil (...)/Mas há milhões desses seres/Que se disfarçam tão bem /Que ninguém pergunta (...)”. O título da canção faz referencia a um lugar onde esses trabalhadores passavam fome “É a criançada /Se alimentar de luz”, e que tiveram de se afastar para alcançarem melhores condições de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fizemos uso de vários gêneros como a charge de Eugênio Neves, as canções de Chico Buarque de Holanda, as imagens do livro “Terra” de Sebastião Salgado, o prefácio de José Saramago e a entrevista feita no programa Jô Soares envoltas na mesma temática a “luta pela terra”, para confirmar o que Pêcheux já havia afirmado ao declarar que o “discurso de um outro, colocado em cena pelo sujeito, ou discurso do sujeito se colocando em cena como um outro (...) mas também e sobretudo a insistência de um ‘além’ interdiscursivo” (PÊCHEUX, 1983/1997, p. 316-317). Para assim entendermos que a heterogeneidade discursiva, onde um discurso constrói em si mesmo sua relação com outro, ou seja, designando a partir de um conjunto de marcas linguísticas, os pontos de heterogeneidade. Sendo assim, podemos relacionar a heterogeneidade com a intertextualidade. Fato esse que pode ser corroborado por Gregolin (2001b)

“marca bem essa condição ao considerar que: A ordem do discurso é uma ordem do enunciável. A ela deve o sujeito assujeitar-se para se constituir em sujeito de seu discurso. Por isso, o enunciável é exterior ao sujeito enunciator e o discurso só pode ser construído em um espaço de memória, no espaço de um interdiscurso, de uma série de formulações que marcam, cada uma, enunciações que se repetem, se parafraseiam, opõem-se entre si e se transforma.” (GREGOLIN, 2001b, p.72)



Podemos concluir, portanto, que a linguagem é opaca, pois dá-nos a possibilidade de termos contato com esse emaranhado de discursos, que nos remeteram aos sentidos desejados.

Por fim, cabe ainda ressaltar, a respeito da temática “luta pela terra” que é imprescindível que haja consciência e atenção política para esses “desgarrados de terra”, como diz Chico Buarque, e desejar “UM DIREITO QUE RESPEITE, UMA JUSTIÇA QUE CUMPRA” como disse Saramago.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos do Estado**. Lisboa: Almedina, s.d.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. (1971) Tradução de Sírio Possenti . Ijuí: Fidene, 1973.

GREGOLIN, M. R.V. **A análise do discurso: conceitos e aplicações**. Alfa, São Paulo, 39: 13-21,1995.

_____. **A mídia e a espetacularização da cultura**. In: GREGOLIN, Maria do Rosário. **Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo**. (org) Claraluz: São Carlos, 2003. Pág. 9-17

_____. **O acontecimento discursivo na mídia: metáfora de uma breve história do tempo**. In: GREGOLIN, Maria do Rosário. **Discurso e Mídia: a cultura do espetáculo**. (org) Claraluz: São Carlos, 2003. Pág. 95-110

JOÃO CABRAL DE MELO NETO, “**Morte e vida Severina, Auto de Natal pernambucano, 1954- 1955**”, in . **Obra completa**, org. Marly de Oliveira, 3ª reimp., Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1999, p. 169-202. [https://pt.wikipedia.org/wiki/Terra_\(livro\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Terra_(livro))

PÊCHEUX, Michel. **A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas**. In: GADET, Françoise & HAK, Tony. **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. (Trad. Bethânia S. Mariani et al.). 2.ed. Campinas, Sp: Editora da UNICAMP, 1983.

PÊCHEUX, M. **A Análise do Discurso: três épocas**. Tradução de Jonas de A. Romualdo. In: GADET, F. & HAK, T. (orgs.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas, Editora da Unicamp, 1997. [1983]